

R. História, São Paulo, n. 125-126, p. 149-132, ago-dez/91 a jan-jul/92.

MUCHEMBLED, Robert. *Le Temps des supplices; de l'Obéissance sous les rois absolus. XV^e-XVIII^e siècles*. Paris, Armand Colin, 1992, 153 p.

Rosemeri Maria da Conceição *

Desde o impacto da obra de Michel Foucault, responsável por novos rumos na historiografia contemporânea, inúmeros trabalhos têm suscitado entre os historiadores brasileiros o interesse pela chamada História Social do crime. Embora por essas plagas os estudos venham se concentrando nos séculos XIX e XX, uma vasta bibliografia de origem inglesa e francesa nos coloca a necessidade de abarcar períodos anteriores da nossa história.

Para além das fimbrias dos micro-poderes punitivos em *Le temps des supplices* o Professor Robert Muchembled explora um veio original da antropologia política para descobrir as migrações simbólicas da autoridade e da obediência na época da construção da modernidade ocidental, entre 1400 e 1789.

Os cinco capítulos que compõem o corpo do livro expressam antes de mais nada uma reflexão original sobre o tema: fundamentada numa pesquisa bastante aprofundada. Cabe ressaltar que sua tese sustenta-se em apreciável acervo de fontes primárias e em criteriosa, respeitosa e consistente revisão da literatura especializada, na qual se encontram presentes importantes referências bibliográficas entre nós desconhecidas, a par de outras já de domínio dos estudiosos que se ocupam deste campo temático.

Sob o título "A justiça na cidade", o primeiro ensaio que compõe o presente volume, busca estabelecer os nexos entre os diferentes elementos da ordem urbana. A grande preocupação era com os incêndios, os transeuntes noturnos, os viajantes, os estrangeiros, os pobres e os vabagundos. A civilização dos costumes despontava timidamente; os pequenos conflitos eram controlados para evitar que o sangue jorrasse pelas ruas, em abundância.

Segundo Muchembled as autoridades exibiam mais sua força do que realmente a utilizavam. Neste sentido as repúblicas urbanas medievais, da primeira metade do século XV, não objetivavam eliminar os criminosos. Procuravam principalmente estabelecer um equilíbrio delicado entre a ordem pública e a vingança pessoal. As multas permitiam que se punisse os delin-

* Departamento de História/USP.

qüentes sem lhes estigmatizar, a fim de que pudessem se reintegrar à coletividade. Por fim os banimentos - temporários ou definitivos - serviriam para expulsar os indivíduos inassimiláveis, os sediciosos. Desta forma, as prisões emergem dos documentos como um lugar de passagem, uma escola da pequena delinquência onde assaltantes, assassinos, marginais e prostitutas se encontravam com inúmeros cidadãos comuns.

Nos dois ensaios seguintes, "A impossível república urbana" e "A explosão dos suplícios", o Autor estuda particularmente a perda de autonomia das cidades para os príncipes. Ao período de reorganização definitiva do poder monárquico teria se seguido uma fase de ruptura, na qual se verificaria espetacular ascensão dos tormentos.

Assim, em meados do século XVI chegou o verdadeiro momento dos suplícios. Torturas, execuções, mil tormentos multiplicaram as grandes festas punitivas, oferecendo aos espectadores uma liturgia baseada numa nova socialização do poder público, cujo efeito se prolonga pela exposição infame e cada vez mais freqüente de cadáveres ou de restos humanos; por conseguinte, o enorme esforço de reorganização do sistema judiciário não visava somente punir os condenados, inventou para os não suspeitos novos mecanismos de adesão, de obediência.

Os dois últimos ensaios "O juiz e a feiticeira" e "O tempo do compromisso", abarcam dois períodos claramente diferenciados de uma longa evolução. O primeiro, durante 1640, quando se estabelece clara ruptura com o passado medieval, polarizado nas fogueiras de feiticeiras, ou seja, quando se produz a afirmação simbólica mais extrema do princípio de lesa majestade. E o segundo - e último - de 1640 a 1789, época em que a justiça criminal muda de ritmo, quando a lenta dessacralização da esfera judiciária precede a do Estado, enfraquecendo a eficácia dos rituais de obediência.

Por tudo isso, *Le temps des supplices* torna-se uma leitura instigante. À medida que sugere o estudo das migrações simbólicas da obediência, Muchembled propõe um novo campo de reflexão aos estudiosos brasileiros.